

Jazz
4 Junho '09

João Paulo toca Carlos Bica

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano João Paulo Composições Carlos Bica
Participação especial Carlos Bica

Qui 4 de Junho
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

De corpo inteiro

Foi preciso que João Paulo Esteves da Silva interpretasse peças escritas por um contrabaixista, Carlos Bica, para dar à estampa aquele que será, porventura, o seu disco mais “pianístico”: *White Works*. Por todos apontado como um dos nossos três melhores teclistas do jazz, ao lado de Bernardo Sasseti e Mário Laginha, algo de particular o vem distinguindo: o facto de utilizar o piano apenas como um meio de expressão musical, sem se preocupar demasiado com as suas lógicas intrínsecas, a sua semiótica. Ele próprio o disse numa entrevista à *jazz.pt*: “Nada tenho contra o piano, mas também nada tenho especialmente a favor.” E é assim que, num projecto de leituras com a autonomia recreativa implicada pela linguagem jazzística e pela improvisação, este grande músico português não só dá voz aos conceitos de outro grande músico que, no seu grupo principal (Azul), tem outro instrumento a cumprir funções harmónicas, a guitarra, como surge inteiramente, assumidamente, como um pianista, na tradição clássica do termo. Se o propósito de Bica era que as suas composições “conseguissem viver longe do contrabaixo” (razão pela qual terá presença física neste concerto apenas num tema), o certo é que aproximaram mais João Paulo do invento mecânico de Cristofori*.

Para o realizar, João Paulo fez algumas adaptações processuais: em vez de, como habitualmente (oiça-se o álbum *Memórias de Quem*), utilizar simples motivos como ponto de partida para construções espontâneas, algo que encontramos também em Keith

Jarrett, adopta o mais convencional jogo “tema e variações”, se bem que, tal como é sua característica, com soluções pouco comuns. E tanto assim que neste projecto torna-se muito difícil detectar o que é originário de Carlos Bica e o que é introduzido por João Paulo Esteves da Silva. Diz o último que o “centro” desta música “é ocupado pelos textos musicais previamente elaborados”, mas o certo é que *White Works* é todo ele feito de descentramentos e lateralidades. Aqueles, precisamente, que são proporcionados pela improvisação: “Para todos os efeitos, esta não é mais do que uma forma de composição. afirmou Bill Evans que improvisar é fazer coincidir o tempo da composição com o da execução, ou seja, compor cinco minutos de música em cinco minutos, e não em duas horas ou um mês ou um ano. Esta é uma boa definição que traça uma fronteira larga para a improvisação e nada diz quanto à música produzida (qualidade, género, estilo, etc.), apenas quanto ao modo de produção. Quando distinguimos a composição escrita da composição improvisada, o que está em causa é o tempo, a vivência do tempo, o saber se a música foi feita no passado ou se está a fazer-se no seu próprio aparecimento. Depois, a questão complica-se, porque, bem vistas as coisas, nenhuma música fica completamente feita e não há criação de novidade que não implique alguma repetição. Os textos do passado podem, assim, resultar na criação de novidades e as novidades podem entender-se como frutos paradoxais da memória.”

Carlos Bica e João Paulo Esteves da Silva procuraram contrariar o eventual carácter “preconcebido” deste projecto colaborativo mediante uma variedade

de abordagens técnico-formais ao nível da interpretação e o intercalamento de improvisações “completamente livres e selvagens” do segundo, com o propósito de funcionarem como introduções, interlúdios ou epílogos e de “acrescentarem uma dose controlada de veneno fluidificante”. O delicioso deste procedimento é que não reconhecemos essas inserções enquanto tais, pois surgem no fluxo normal da música. É como se tudo tivesse sido escrito, ou tudo tivesse sido improvisado. O que João Paulo nos tem ofertado ao longo dos anos é uma prova do erro em que cai quem julgar que uma música criada de improviso é necessariamente menos elaborada do que a que se nota no papel. O jogo operado em *White Works* entre a escrita e a invenção em tempo real coloca mesmo em igualdade de circunstâncias os dois âmbitos de intervenção, um alimentando-se do outro. Muito diferente foi o que o pianista fez em *Scape Grace*, disco em duo com o trompetista americano Dennis González editado na mesma altura: “Este foi totalmente improvisado *on the spot*. A improvisação livre é um tipo de contexto em que me sinto muito perto da ‘impossível’ coisa em si. É uma prática que precisa de ser alimentada por outras experiências musicais. E não só musicais, mas referi-las levar-nos-ia demasiado longe.”

Como é óbvio, um trabalho como este implica uma grande cumplicidade. Tanto Carlos Bica como João Paulo Esteves da Silva dão uma grande importância ao factor melodia e a lidar com este são capazes do mais decantado lirismo. Isso é, de resto, particularmente evidente nesta parceria: “Toco com o Bica a música dele, chamo-o para tocar a

minha e improvisamos os dois... Aliás, se esta última faceta ainda não se traduziu num disco a ela inteiramente dedicado, está nas nossas intenções fazê-lo em breve. O que nos une e separa é o mesmo: o facto de Carlos Bica ser Carlos Bica e de eu ser eu. Normalmente, conseguimos não usurpar a identidade um do outro.” O lirismo, esse, é natural para dois músicos que têm uma sólida formação clássica de base, anterior à descoberta do jazz por parte de ambos. É natural, mas, entenda-se, não propriamente pacífico, até porque o jazz que tocam é afirmativo e pode mesmo adotar uma enorme intensidade: “As influências clássicas já estão no meu código genético. Bach, Mozart e Chopin fazem parte do meu convívio diário. Lirismo? É difícil ter ideias precisas acerca disso, talvez porque o lírico se prenda algures com o vago, o desconhecido, o ausente, o interrogativo, o frágil. Acho que estas conotações podem conviver com a decisão, a guerra, a vontade, a presença, e não é forçosa, hoje em dia, a cómoda divisão dos géneros entre épico e lírico.”

Até por isto, teremos no palco um músico de corpo inteiro, sem limites para a sua *performance* que não os escolhidos para delimitar a sua acção na especificidade dos objectivos propostos. Um executante de piano a reciclar partituras de um contrabaixista, nesse exercício descobrindo-se, integralmente, como mais um digníssimo protagonista do universo musical cristoforiano.

*Inventado em 1709 por Bartolomeo Cristofori, de Pádua, o piano é a primeira das máquinas de música manufacturadas industrialmente. Tomou o lugar do clavicórdio, e a principal diferença em

relação a este consiste na substituição das tangentes por martelos cobertos de feltro que, depois de percutirem as cordas, voltam à posição inicial. Os alemães chamaram-lhe *hammerklavier* (piano de martelos) e continuamos a utilizar essa designação. Contando com pouco mais de 200 anos de existência, é ainda, segundo muitos pianistas, o melhor dos instrumentos de tecla – di-lo Frederic Rzewski, conhecido pelo seu envolvimento com um colectivo que elegeu a electrónica como a base dos seus procedimentos, o Musica Elettronica Viva: “Os novos teclados nada lhe acrescentam de essencial, e em alguns aspectos até são mais limitados.” E isto mesmo que tenham um léxico mais alargado de possibilidades: “É possível chegar a um maior nível de sofisticação quando se faz uso de um vocabulário de sons restrito; quantas mais letras se introduzirem no alfabeto, mais se tende a regressar ao estágio dos hieróglifos, como dizia o compositor Elliott Carter.”

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

João Paulo

João Paulo nasceu em Lisboa em 1961 de mãe pianista. Começou muito cedo os seus estudos musicais, na Academia de Santa Cecília, iniciando-se rapidamente no piano. Posteriormente, ingressou no Conservatório Nacional, onde, em 1984, obteve o diploma do Curso Superior de Piano com a classificação máxima.

Com uma bolsa de estudo da Secretaria de Estado da Cultura, muda-se imediatamente para Paris. Aí, durante três anos, aprofunda os seus estudos no Conservatório de Rueil-Malmaison e obtém sucessivamente as mais altas distinções – Médaille d'Or, Prix Jacques Dupont, Prix d'Excellence e Prix de Perfectionnement. Terminados os estudos, permanece em Paris durante mais quatro anos, dando vários recitais em França e Estados Unidos, dos quais se destacam os de Nova Iorque (Carni Hall em 1986 e Carnegie Hall em 1989).

Mas quando abandona Portugal, em 1984, interrompe uma já extensa actividade na área do jazz e da música popular. O primeiro reflexo público dessa sua actividade musical surge em 1979, com a participação do grupo Quinto Crescente no Festival de Jazz de Cascais 79. Esta formação, que ainda hoje perdura na memória de muita gente, era constituída, para além do próprio João Paulo (piano), por Luís Caldeira (saxofone), Laurent Filipe (trompete), Pedro Wallenstein (contrabaixo) e José Martins (bateria). Entre 1979 e 1981, com o contrabaixista José Eduardo e o baterista José Martins, forma um trio, famoso na época, que desenvolveu concertos e serviu como base de acompanhamento

a numerosos músicos estrangeiros. É também desse período o seu trabalho como professor da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

Na área da música popular, e igualmente nessa altura, participa como pianista acompanhante em numerosos discos de artistas nacionais. Destaca-se a sua colaboração com Fausto (*Por este rio acima*), José Mário Branco (*Ser solidário*) e Sérgio Godinho. Foi com este último que desenvolveu um trabalho mais intenso: acompanhou-o em espectáculos e colaborou, primeiramente como músico (1981), no disco *Canto da boca*, sendo mais tarde (1983) o arranjador e director musical do álbum *Coincidências*.

Em 1992, depois de oito anos em França, regressa a Portugal e, de imediato, reconstitui as relações profissionais que interrompera em 1984. Colabora, então como arranjador e director musical no álbum que Vitorino compõe sobre textos de António Lobo Antunes *Eu que me comovo por tudo e por nada* (1992). O excelente trabalho que assina neste disco não passa despercebido da crítica, merecendo-lhe uma distinção especial: o Prémio José Afonso – galardão que a Câmara Municipal da Amadora atribui anualmente aos melhores trabalhos da música portuguesa – pela primeira vez entregue a um arranjador.

Com Sérgio Godinho, companheiro de outros tempos agora reencontrado, grava *Tinta permanente* (1993), em que se encarrega dos arranjos e direcção musical, tarefa que se estende igualmente aos espectáculos, sendo de destacar a encomenda de Lisboa '94 levada à cena na Coliseu dos Recreios. Ainda

em 1993, funda com o pianista Mário Laginha a orquestra de câmara *Almas e Danças* que, em Março de 1995, deu um concerto memorável no Centro Cultural de Belém.

Em 1994, trabalha em *L'Amar*, o disco de estreia de Filipa Pais, para quem compõe três temas, faz os arranjos e a direcção musical. Simultaneamente, realiza uma série de improvisações na Cinemateca Nacional como acompanhante de filmes mudos e actua como solista com a Orquestra do Norte.

Em 2007 João Paulo apresentou-se a solo na Culturgest. O concerto baseava-se no CD *Memórias de Quem*, editado pela Clean Feed nesse mesmo ano.

Colabora regularmente com músicos como Tomás Pimentel, Carlos Martins, Pedro Caldeira Cabral, Mário Laginha, Pedro Burmester e Maria João, entre outros. Dessas colaborações resultam numerosos concertos e a participação em mais um disco, *Descolagem* (1994), o álbum estreia do septeto do trompetista Tomás Pimentel.

Juntamente com Jorge Reis, Mário Franco e José Salgueiro, forma o quarteto de João Paulo. É com esses músicos que grava *Serra sem fim*, o primeiro disco em seu nome.

Presentemente, as suas *working bands* são Nascir, que se dedica à música tradicional portuguesa e sefardita, o trio As Sete Ilhas de Lisboa, música improvisada com Paulo Curado e Bruno Pedroso e o trio Cor com Cláudio Puntin e Samuel Rohrer.

Nos últimos tempos, tem tocado regularmente em duo com o contrabaixista Carlos Bica.

Destacam-se também vários projectos, em França, em colaboração com

Jean-Luc Fillon, oboé, nomeadamente o quarteto Oborigins, com Michel Godard, tuba, e Jarod Gaginw, percussão.

Para além disto, continua a fazer recitais a solo. Quem já presenciou, diz que é a melhor maneira de se compreender toda a sua magia.

Carlos Bica

Carlos Bica é um dos poucos músicos portugueses que alcançou projecção internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu. Entre os vários projectos musicais que lidera e para além das suas participações em outras áreas como teatro, cinema e dança, o seu trio Azul com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, tornou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor. Ao primeiro álbum *Azul* editado em 1996, e que é considerado pela crítica como um dos melhores álbuns nacionais de jazz de sempre, seguiram-se os álbuns *Twist* (1999), *Look what they've done to my song* (2003) e *Believer* (2006) que receberam igualmente enormes elogios da imprensa internacional.

Quando se fala da música de Carlos Bica a crítica costuma salientar a forma como nela se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à folk, ao rock, ao jazz, às músicas improvisadas. O que corresponde, como seria natural, à própria trajectória do intérprete compositor. Aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música, nos Cursos de Música do Estoril e na Escola Superior de Música de Würzburg, na Alemanha. Foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa, assim como de diversas orquestras de câmaras alemãs, tais como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester. Fez muita música improvisada, durante anos tocou com Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco,

Janita Salomé, Camané e participou em inúmeros festivais de jazz internacionais em colaboração com músicos como Kenny Wheeler, Ray Anderson, Aki Takase, Alexander von Schlippenbach, Lee Konitz, Mário Laginha, Albert Mangelsdorf, João Paulo, Matthias Schubert, Paolo Fresu, António Pinho Vargas, Steve Argüelles, John Ruocco, entre outros.

A necessidade de projectar na música as vivências do seu percurso musical e o enorme fascínio pelo som da voz e dos instrumentos de arco, levou Carlos Bica até ao projecto Diz, que teve a sua estreia no Festival dos Cem Dias/Expo'98. Este projecto foi editado pela Enja Records em 2001 e recebeu o prémio de Melhor disco do ano da Antena 1/Cinco minutos de Jazz.

Tal como Paris nos anos cinquenta, Berlim é nos dias de hoje um feliz refúgio para os criadores de arte. Tendo Berlim como uma das suas estações, Carlos Bica tem desfrutado dos muitos felizes encontros entre músicos provenientes de culturas e escolas muito diversas. Azul, Diz, Tuomi, Bica-Klammer-Kalima, Essencia, Tango Toy são alguns dos projectos com músicos internacionais que tiveram Berlim como local de nascimento. Em Outubro de 2005 Carlos Bica edita o álbum *Single* (Bor Land), o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. *Single* foi nomeado pela revista *Blitz* com um dos melhores álbuns nacionais em 2005.

Xangai Brasilerança



Música Sex 5 Junho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

Violão Xangai

Bandolim e violão Fabrício Rios

Um dos artistas mais importantes do seu país, ex-vaqueiro, Eugénio Avelino nasceu no sertão da Bahia, filho e neto de mestres tocadores de sanfona (nome popular para o acordeão). Em rapaz trabalhou numa sorveteria do seu pai, a Xangai, e passou a ser conhecido por esse nome.

Viveu tempos na fazenda do seu primo, o compositor e cantor Elomar, decisivo na sua formação artística. Ainda passou uns anos no Rio de Janeiro, começando a estudar economia, mas deixou os estudos para se dedicar à sua carreira artística.

“Sou de um berço de tocadores de sanfona, mas não foi isso que me fez artista, porque tenho plena consciência de que esse dom já estava comigo; apenas, e cada vez mais, venho buscando apurar, melhorar o meu envolvimento com a música, a poesia”.

Com a sua voz poderosa canta a música e os ritmos do nordeste: forró, rastapé, xote, ligeira, baião, coco,

galope... ou canções românticas. Tocando com diversas formações, é sozinho que se solta mais, com a sua forma única de tocar o violão. Nessas alturas, não prepara uma lista de canções, vai cantando canções antigas, consagradas, canções novas compostas por si ou por músicos que admira, ao sabor da inspiração do momento.

Em mais de 30 anos de carreira, gravou cerca de 40 discos, a solo ou em parcerias, fez inúmeras digressões por todo o Brasil e pelo estrangeiro, produz e apresenta um programa na Rádio Educadora da Bahia, onde leva nomes da música popular que não passam nos grandes meios de comunicação.

“O que eu canto é a presença de minha própria realidade”. “Minhas cantigas (...) retratam a minha aldeia, aquilo com que me identifico, porque gosto de falar a respeito do ambiente que tenho conhecimento, das situações do ser humano à minha volta”.

Os portadores de bilhete para o espetáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
